

## FALIDA INFÂNCIA

João Marcelino PANTOJA

Embora os mururés passassem no mesmo vagar de sempre – ao gosto da maré – as chaminés dos galpões, agora abandonadas na outra margem do rio, não ostentavam o mesmo orgulho de outrora, da áurea época (?) em que as caldeiras das serrarias davam o ritmo à atividade madeireira, fazendo as chaminés vomitarem a fumaça do progresso aos quatro ventos.

Agora só o silêncio volta e meia interrompido pela leve espuma da maresia acariciando o cais; e pelo ruído, menos sutil, que minha garganta fazia a cada gole do suco de graviola trazido de um quiosque ali próximo.

Sentado num banquinho do Terminal Hidroviário eu era a multidão ali presente. Mas eis que a inconstância, essa mola invisível que move o mundo, trata de mudar bruscamente o cenário, como se sacudisse ao repente o copo de dados do acaso, antes que o líquido de meu copo se esvaísse por completo.

Como num passe de mágica o espaço é rapidamente tomado por crianças que pareciam sair de todas as partes, como o fazem as formigas ao terem seu ninho atacado, ou como reagiam, instintivamente, os trabalhadores das serrarias em obediência aos apitos das caldeiras, ou, ainda, os alunos em resposta à campainha do recreio.

Enquanto tentava compreender a razão daquilo, a imagem me trouxe à mente os guris de um modesto projeto educacional que, como tantos outros, buscava alargar os horizontes de espremidos sonhos infantis. Não obstante as ações terem se encerrado há mais de um ano, as lembranças das atividades por mim conduzidas como educador voluntário na turma ainda permaneciam vivas em meu imaginário: a gritaria dos guris, a sala de aula improvisada, etc.

Das treze crianças que haviam começado a frequentar as atividades, uma figura bem simbolizava o submundo periférico do qual todos fazíamos parte, mesmo sem compreender: Pedro.

Introspectivo em alguns momentos, o menino de dez anos fugia das aulas de reforço em matemática e português, dizendo que não sabia ler...

– Ele sabe sim, professor! Ele está enrolando! – exclamava uma colega que costumava sentar-se ao seu lado.

Mas ele insistia em dizer que não sabia, rindo disfarçadamente, evitando me encarar nos olhos. Aliás, era tão introspectivo quanto arisco. Sempre saía pela tangente com qualquer pessoa que quisesse saber por quais razões não fazia as atividades de classe.

Não cheguei a descobrir, afinal, se ele sabia ou não ler. Havia recorrido aos autores a cuja leitura tive de me habituar na universidade, mas eles não pareciam minimamente interessados em me fornecer resposta alguma.

A disposição do pequeno nas atividades lúdicas, especialmente o futebol, jogado num campinho de terra batida, contrastava com sua introspecção e seu olhar perdido na sala de aula. No campo ele falava, gritava, escalava o time, dizia em que posição o fulano devia ficar, xingava o juiz da partida (que era eu), chutava a bola para fora, fazia gol, comemorava. E tinha o hábito de colocar nas mãos as sandálias havaianas surradas pelo tempo e pelo uso. E saía correndo, rindo, levantando poeira, com as sandálias embutidas nas mãos, feito pequenas asas. E assim o jogo prosseguia, por vezes, até o sol das quentes tardes de verão se debruçar por detrás da floresta tropical que se prolongava para muito além de nosso imaginário.

Após as primeiras semanas do projeto, Pedro sumiu. Comecei a fazer visitas ao bairro, para saber onde as crianças moravam. Em uma das incursões, descobri onde a família dele se abrigava, mas a rústica construção estava abandonada. Haviam se mudado para outro bairro, disseram uns vizinhos. Mas não souberam informar seu exato paradeiro. Em todas as direções, naqueles arremedos de ruas, se estendia uma infinidade de cartazes de políticos sorridentes, quase enfileirados, enfeitando as paredes das casas, olhando por sobre o mato que crescia por toda parte. Era ano eleitoral...

Meu devaneio foi interrompido por uma minúscula mão puxando a manga de minha camisa: uma criança com um carrinho de picolé.

– Açáí, leite condensado, bacuri e graviola! – disse o menino entusiasticamente, tirando a tampa do carrinho e apontando para dentro.

– Graviola – disse a ele, enquanto descobria a razão de todo o tumulto: um navio, de porte médio, desses que fazem linha Belém–Manaus, despontava ao longe, na curva do rio.

À medida que se aproximava do porto, as crianças que já haviam tomado conta do espaço pareciam ficar mais extasiadas.

A embarcação vai encostando no terminal, abarrotada de turistas: alguns às portas dos camarotes; outros sentados em redes coloridas que enfeitavam o espaço como

bandeirolas em arraial junino ou na copa do mundo; outros, ainda, no toldo do navio. Com suas máquinas fotográficas em punho, registravam tudo.

Acenavam para as crianças, que pulavam umas por cima das outras no porto, em meio aos *flashes*. Os pequenos acenam de volta. Os *clicks* se multiplicam. Meninos pulam na água: *click*. Crianças conduzindo carrinhos de picolé: *click*. Mais outro e mais outro aparecem em canoas: *click, click, click...* Afinal, quem são os passageiros? Nós em relação a eles ou eles em relação a nós? Indiferente à minha suposta indagação filosófica e ao meu picolé de graviola, a sessão de risos e *flashes* continua: *click...*

A cena, apesar de muito comum por aqui, não deixava de me causar certo espanto.

A profusão de pernas e rostos vai se condensando até que, em meio aos relâmpagos dos *flashes*, avisto a alguns metros de mim uma expressão familiar: pele morena, olhos redondos e atentos. Não parecia ter crescido desde a última vez em que o vi. Estava descalço, mas não que suas sandálias estivessem acopladas às suas mãos, feito asas. Não dessa vez. Era porque talvez não as tivesse mais. Asas cortadas... Mas era ele, sim. Era Pedro. Carregava no pescoço um cordão de algodão-doce, como se fosse um colar. Quem sabe um dos últimos vestígios doces daquela amarga infância. E do qual ele logo teria de se desfazer, em troca de sua sobrevivência (ou “subvivência”? ). Ele mirava o navio, como um predador que armasse o bote, mas logo foi ofuscado por um *click*, vindo do toldo. Acenou de volta para uma senhora que havia disparado o *flash*.

Olhou ao redor e me viu. Esboçou um sorriso contido no canto da boca. Mas antes que eu tivesse tempo de me aproximar e dizer qualquer coisa, deu um ligeiríssimo pique de uns quatro metros pelo meio do povo, como fazia no campinho, e atirou-se na parede da embarcação, agarrando-se a um enorme pneu: *click*. Ao que outros meninos, com suas sacolas de tapiquinhas e pupunhas amarradas às cinturas, começaram a saltar em direção aos outros pneus, que agora além de servir à sua função original – proteger a pintura das laterais – também funcionavam como apoio àqueles minúsculos homens-aranhas.

Pedro entrou com um movimento que deixaria Peter Parker admirado. Tirou um algodão-doce do colar, virou o rosto para um lado e outro, e sumiu no emaranhado de gringas redes, como se por elas houvesse sido engolido. E foi...